

SURYOYE - 109

SÃO PAULO - OUTUBRO/2021

ORAÇÃO INICIAL

NESTA EDIÇÃO

ORAÇÃO

INICIAL 1 *Ó único Senhor Deus Misericordioso*
(*Hau dēbalēhudau morio mērahēmōno*)

RITUALÍSTICA -I A ARTE NA IGREJA 2

Ó único Senhor Deus misericordioso
Que habita o alto e olha as humildades:
Envia bênçãos àqueles que
Inclinam suas cabeças em Tua veneração

ENSINAMEN- TOS DE NOSSOS MESTRES 7

E abençoa-os com a graça de Teu único Filho
Pois com Ele, a Ti é justa a glória, respeito e
unificação

EXISTIU JESUS? 7

Com Teu Espírito em tudo Santo,
Bondoso e Reverenciado
E que é Vivificante

RITUALÍSTICA -II FESTIVI- DADE DA TRANSFIGU- RAÇÃO 11

E igual na essência;
Agora e para sempre!

TEXTOS EM ARAMAICO 16

[*Oração da imposição de mão da Liturgia de
S Tiago, irmão de N.S. Jesus Cristo*] .

SECÇÃO DE TRADUÇÃO 19

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria, Arcebispo Mor Severios oficia as missas em aramaico e português, aos domingos às 10:30 hs, à Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Estamos à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.



Igreja de Santa Maria, em Amid (Diyarbakir) / Tur Abdin (atual Turquia) -construída no século III.

ܩܘܪܒܢܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ
ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ
ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ ܕܥܘܠܐ

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Artigos - Peter Sowmy
Revisão- Aniss Sowmy

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

FACEBOOK: IGREJA SIRIAN ORTODOXA SANTA MARIA

Palavras da Bíblia

Tu ó Senhor Deus sabes! Lembra-te de mim, salva-me e vinga-me dos meus perseguidores; não me julgues em tua longanimidade; saiba que por ti tenho sofrido afrontas e preservei teus mandamentos e os executei, e para mim, teus dizeres transformaram-se em delícia e alegria do meu coração; porque pelo teu nome sou chamado, *ó Senhor Deus Todopoderoso*.

Não me assentei na assembléia dos escarnecedores porém *Tua* mão reverenciei com temor e sozinho me assentei; pois me preenchestes com irritação. Por que minha dor é atroz e minha ferida dolorosa e já não admite cura? Serias *Tu* para mim como águas mentirosas enganosas?

Portanto assim diz o Senhor: Se tu voltares, recompensar-te-ei e diante de mim poderás te apresentar; e se apartares o que é precioso do que é vil, serás como a minha boca, diz o *Senhor Deus*; e eles se tornarão para ti, e tu não voltarás para eles.

Dei-te a este povo como forte muro de bronze; e pelejarão contra ti, mas não te vencerão; porque contigo estou para te separar e te livrar, diz o *Senhor Deus*.

E arrebatá-lo-ei da mão dos malignos, e livrar-te-ei da mão dos fortes.

Livro do Profeta Jeremias - capítulo 15º

RITUALÍSTICA I - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA

ORTODOXA DE ANTIOQUIA (PARTE VI)

A Arquitetura - 1

Nesta edição de nosso informe Suryoye, cessamos, temporariamente, a descrição e as análises musicais para nos concentrarmos um pouco com outra modalidade artística: a arquitetura. Depois voltaremos ao estudo da Música Sacra da Igreja Siríaca de Antioquia.

Ao estudioso e até mesmo ao analista de determinadas artes das Igrejas Orientais, em especial a Cristã, é necessário entender que as artes não portáteis (como a arquitetura) sofreram muito, talvez até no sentido regressivo, com o surgimento do islão, principalmente com as invasões mongóis das tribos seljuques e otomanas que dominaram o Oriente desde 1.000 d.C. até o início do século XX quando o Império Otomano foi derrotado pelas potências européias e assim, todo o Oriente “correu” para tentar uma equiparação artística com o Ocidente (observemos que a influência do islão começou a ser sentida na Europa no século X, quando o domínio islâmico - conhecido como mouro - mudou de mãos e depois sofreu a mesma influência retrógrada mais acentuadamente em parte da Europa Oriental onde os Otomanos dominaram e somente começaram a ser derrotados no século XVIII até o serem totalmente no século XX).

Alguns estudiosos de artes plásticas ou de artes em geral podem surpreender-se com o termo “*artes não portáteis*” para a arquitetura e grandes trabalhos de escultura, que utilizamos em nossa descrição. Alertamos, no entanto que é necessário estar em nossa mente, em cada momento, essa expressão (e sua oposta: “*artes portáteis*”) pois, diferentemente do Ocidente ou do Extremo Oriente, a influência dos governantes foi decisiva na produção artística e quando dizemos “*artes não portáteis*” queremos dizer que essa arte pode ser avaliada diretamente nos objetos de produção artística ou seja na parte material da produção artística.

RITUALÍSTICA I - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUAÇÃO)

Quando estudamos a arte na Igreja de Antioquia, vemos que há uma criatividade que vem crescendo desde tempos imemoriais (6,000 a.C. ou antes) até o século 8 ou 9 do cristianismo; depois há um hiato de criatividade de quase 11 séculos e uma retomada no século XX. Já no Ocidente, seja em termos religiosos ou em termos laicos, o crescimento é posterior aos gregos pois, até lá somente houve cópia do que havia no Oriente. Com os romanos, há um incremento sobre essas “cópias” e vemos novos usos, costumes e tecnologias que cessam por volta do quinto século do cristianismo. Existe uma estagnação de quase sete séculos e uma retomada incessante até os nossos dias. O estudo de história nos conta o que houve no Oriente por volta do oitavo século e no ocidente por volta do quinto século e o por quê da retomada no ocidente quase sete séculos depois bem como um pico por volta de 1750 e daí em diante, o desenvolvimento que encontramos.

Vejamos primeiro no Ocidente (aqui consideramos o “Ocidente” como sendo a Grécia, a Itália e caminhando para o lado ocidental de Europa) incluindo aí o Império Romano de Oriente ou seja, as terras onde o Império Bizantino dominava ou onde exerceu grande influência.

No lado Ocidental, então, vemos que durante o governo dos romanos houve um avanço em termos de tecnologia e arte, no que tange a arquitetura, definida como construção e decoração de edifícios, desde aquedutos até ginásios esportivos (e.g. o Coliseu) na área civil bem como os templos na área religiosa. No tempo do Império Bizantino, há uma aceleração nas edificações e decorações eclesiais e também nos palácios cívicos que eram verdadeiras fortalezas militares o que deixa a arquitetura um tanto ligada à área militar também, no entanto, o que pode interessar é o fato que para a área militar, interessava muito a funcionalidade e bem menos a parte decorativa envolvida.

Ainda com relação ao Ocidente, observamos que o desenvolvimento por volta do século V cai sensivelmente e isso se deve às invasões bárbaras, primeiro lentamente, depois mais agressivamente, até o tempo de Átila, rei dos hunos, sendo, esses hunos, aglomerações de tribos oriundas da Ásia Central e Mongólia, vindas pelas estepes da atual Rússia. Depois são seguidos por outras tribos bárbaras, também oriundas das estepes da atual Rússia que acabam dividindo o Império Romano de Ocidente em diversas regiões que deram origem aos países da atual Europa. Durante esses quase sete séculos, o Ocidente sofreu uma estagnação em termos de tecnologia e arte, em relação ao que existia; foi o tempo necessário para que houvesse assimilação da tecnologia e arte pelas tribos bárbaras que invadiram e dividiram o Império Romano de Ocidente. Sobrevem o movimento das Cruzadas e quando a nobreza que se dedicara às Cruzadas retorna do Oriente, traz consigo a tecnologia e a arte dos cristãos do Oriente. Esse retorno tem como consequência um movimento de intensificação das artes e tecnologias conhecida como Renascimento (ou Renascença) que tem seu pico nos séculos XV e XVI. Observemos, contudo, que o tempo que demora o Ocidente para absorver o conhecimento teve seu início entre os séculos XII e XIII, porém, uma vez absorvido, dá frutos até o início do século XVII redundando na era do Barroco.

É por todo esse tempo, desde quando os romanos tomam o protagonismo do poder e até a Revolução Industrial (esta vai desde aproximadamente 1760 até 1840), que a tecnologia e a arte caminhavam juntas e a arquitetura era uma disciplina em que ambas se unificavam. Com a Revolução Industrial (ocidental) há uma dissociação das disciplinas em “tecnologia” e em “arte” e surge a intensificação da tecnologia em detrimento da parte artística. Os modos produtivos exigem cada vez mais um aprofundamento dos conhecimentos tecnológicos para que haja maior eficiência na produção e assim surge a engenharia que é uma aplicação direta, se não exclusiva, dos conhecimentos desenvolvidos pelo método científico sem se atentar à arte e à ética. A edificação já não era cuidada com sentido à parte artística também, interessavam somente a tecnologia e a técnica, os materiais e a forma de produzir mais rápida e eficientemente. Em 1760, o inglês John Smeaton se autodeclara “engenheiro civil” e com ele nasce a denominação de engenharia separada da denominação de arquitetura. Daí por diante vemos uma oscilação do mundo ocidental perante o predomínio da engenharia ou o predomínio da arquitetura.

E quanto ao Oriente, em especial o nosso Oriente Próximo e Médio, o Levante?

RITUALÍSTICA I - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUAÇÃO)

Nossa pesquisa se inicia nos escritos dos santos pais que a Igreja de Antioquia produziu. E de repente nos damos conta que não existem estudos em profundidade artística deles. O que nos aparenta é que eles supunham a edificação como algo indiretamente ligada à teologia.

Em edições passadas de Suryoye (por exemplo nos números 49, 51 e outros) fizéramos algumas incursões sobre as edificações dos templos da Igreja Siríaca porém, não de forma sistemática. Vamos então à biblioteca para verificarmos o que há sobre a matéria em pauta. Talvez então possamos achar algo nos pesquisadores ocidentais dos últimos séculos.

Observamos que há algumas pesquisas nesse sentido e a mais interessante (talvez porque aborde o assunto de forma direta) é *“Les églises en monde syriaque”* um documento publicado pela professora Françoise Chatonnet no volume 10 de *“Études Syriaques”*, publicado em 2013. Ainda assim, o que nos chama a atenção é que quase nada existe a respeito da Arquitetura do estabelecimento “igreja”, sobre a edificação; mesmo sabendo que o cristianismo é coevo a Cristo em Antioquia e Edessa conhecida como Urhoi (Urhoi, hoje chama-se Sanli-Urfa na República Turca). Mais ainda, que o cristianismo é fruto da pregação dos discípulos de Cristo e seus discípulos quando “andaram” pela Mesopotâmia.

Françoise Chatonnet nos dá duas pistas para seguir (ela seguiu apenas uma). A primeira é a que ela seguiu e o que segue lhe é patente:

“La littérature syriaque n’est pas d’une grande aide pour une étude sur l’architecture des églises syriaques dont les chroniques rapportent maints exemples, sans toutefois s’attarder aucunement à une description du bâtiment lui-même. Plus d’allusions sont faites à leur fonction liturgique ou à leur valeur symbolique comme type du monde céleste...”

(Tradução Literal: A literatura siríaca não é de grande ajuda para o estudo da arquitetura das igrejas siríacas das quais as crônicas relatam muitos exemplos, sem, no entanto, demorar-se na descrição do próprio edifício. Mais alusões são feitas à sua função litúrgica ou ao seu valor simbólico como um tipo do mundo celestial...”).

A segunda pista e será a que nós vamos tomar é a lingüística. É pelo idioma, pela língua falada pelo povo, seus governantes, seus intelectuais que a tecnologia e a arte se firmam. Esta segunda pista, a própria professora Chatonnet cita, no entanto, somente segue esse rumo no que interessa à liturgia pois já definiu que a edificação interessa à função litúrgica.

Vamos então, por essa segunda pista, tendo em mente sempre que não é suficiente que sejamos bons historiadores ou arqueólogos, é preciso entender da arte também, ou, como clamava Camões em sua obra maior: “se a tanto me ajudar o engenho e arte”.

Outro detalhe interessante também, muitas vezes seguido pelos historiadores, é comparar a arte de uma nação dominada com a arte da nação dominadora numa época específica, sem considerar que a arte da nação dominada poderia ter uma evolução distinta da nação dominadora e somente coincidiu naquele momento em que houve a dominação, portanto, dever-se-ia estudar o processo evolutivo da arte e não somente naquele instante específico. Essa é a nossa opção: estudar o processo evolutivo da arte.

Neste contexto, devemos olhar com cuidado as edificações dos povos dominadores pois, em momentos iniciais desse domínio, os dominadores se apoderam das edificações dos dominados, tal como casas, chácaras / fazendas, fortalezas, palácios e templos e alegam que as construções eram deles e depois de anos ou até séculos, fazem reformas, desfigurando totalmente as edificações originais. Essa ocorrência foi muito comum com fortalezas e templos assírios (pagãos) ou siríacos (cristãos) onde originalmente residiam (às vezes, até residem atualmente) e as etnias dominadoras (persas, árabes; mongóis, turcos). No nosso caso, no caso da arquitetura da Igreja Siríaca, trata-se das igrejas que foram tomadas pelos povos dominadores, esses eram seguidores do islão. Uma das inúmeras provas é o que aconteceu com uma igreja, originalmente construída em Amid (nome atual é Diyarbakir) que se localiza na Mesopotâmia (na parte turca) e, segundo o governo turco e os escritos do islão, lá foi construído um dos templos mais anti-

RITUALÍSTICA I - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUAÇÃO)

gos do islão (uma mesquita), ao tempo do 2º califa, Omar ibn-ul-Khatib, em 639 d.C.. Essa mesquita é a Mesquita de Ulu Camii de Diyarbakir. Historicamente é sabido que naquele tempo, o povo islâmico era constituído somente por tribos árabes que não possuíam a menor noção de arquitetura pois eram beduínos andarilhos. A primeira referência a tal mesquita é do sultão seljuque Malik Shah de 1091 d.C. quando orienta o governador local a construir uma mesquita que a realiza no período recorde de um ano quando é inaugurada (1092 d.C.). A arquitetura da mesquita tem por base a mesquita de Damasco. Sem contar a suspeita histórica levantada, há que se ver que já não mais fora levada em consideração a arquitetura original. A “**qibla**” construída (ou implantada, não se sabe exatamente) já era orientada para Meca quando originalmente (no tempo de Omar-ibn-ul-Khatib) era orientada para a Mesopotâmia, anos depois, algumas mesquitas orientavam-na para Palmira e somente no século IX é que passaram a orientá-la definitivamente em direção a Meca.

Em princípio, o “edifício igreja” é um “templo” onde o povo se reúne para adorar seu deus, povo esse orientado por um sacerdote (ou sacerdotisa). Os siríacos chamam o templo de “**haiklo**” e na forma reduzida “**haikal**” (escrevem: **ܗܝܟܠܐ - ܗܝܟܠܐ**). Ocorre que essa é uma palavra sumeriana que foi adotada pelos acadianos e depois é encontrada no sucessor do acadiano como *língua franca*: o aramaico (que é o siríaco). Em acadiano era: **ekallu** proveniente do sumeriano: **e-gal** e que, por sua vez, significa: “*casa grande*” ou seja: “*palácio*”; assim, em essência, o templo nada mais era que um palácio onde os sumerianos, acadianos e outros povos, por milênios, acreditavam que era a morada de um deus, fosse essa morada definitiva ou temporária e essa temporalidade coincidiria com o tempo em que houvesse um ritual àquele deus (observe que os assírios deixaram de acreditar nisso durante o Império Neo-Assírio, por volta de 800 a.C., já os caldeus, judeus, persas etc continuaram nessa crença, até depois de Cristo)¹,

Dentro da ritualística siríaca, isto é, a cristã, o “**haikal**” localiza-se na parte interna frontal da igreja e fica voltado para a Mesopotâmia pois é lá que se localiza o “**Paraíso do Éden**” que, segundo o relato bíblico, Deus lá estava quando criou o ser humano (Adão) e lá o colocou, assim, os siríacos sempre olham para onde deveriam estar e para onde querem voltar².

Ora, vemos que as edificações sacras, os templos, provém de uma tradição mesopotâmica e suas influências no Oriente. Não neguemos que é preciso estudar outras influências nas edificações das igrejas, dos templos cristãos, tal como a possível influência egípcia e com certeza, a bizantina porém, somos obrigados a admitir que a maior influência fosse a mesopotâmica e suas adjacências; assim, vamos de início, ater-nos às edificações de templos nas regiões que hoje compreendem os estados de: Iraque, Síria, Líbano, parcialmente a Turquia (sudeste da Turquia) e parcialmente Irã (principalmente oeste do Irã), nas margens dos rios ou nas terras banhadas pelos rios e canais construídos artificialmente pelos povos locais. Estão excluídos os desertos (como o deserto da Síria, da Jordânia, do Negev e toda a Península Arábica) pois essas terras eram somente passagem e nunca apresentaram construções. Os “habitantes” desses desertos eram andarilhos chamados beduínos e nada deixaram de obra arquitetônica, o pouco que existe nesses desertos são obras de quando havia alguma possibilidade de sedentarismo porém foi, com o tempo, sendo destruído e nada restou.

Retornando ao tema principal, a arte na Igreja Siríaca, e a arte ora tratada é a arquitetura, já divisamos que a igreja, o templo, nasce de uma casa, uma residência destinada a um deus.

Podemos tentar traçar um roteiro simplificado do que poderíamos abordar:

- 1) casas
 - a) residências
 - b) palácios
 - c) fortalezas
- 2) templos especiais

RITUALÍSTICA I - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUAÇÃO)

bem como os materiais e técnicas utilizadas nas edificações.

O que os arqueólogos verificaram foi que determinados palácios reais possuíam locais especiais de oração, ou seja; dentro do palácio havia um templo e, pelos relatos da época, tais templos eram para utilização da família real. Outra observação que fizeram foi o fato que determinados palácios eram na realidade fortalezas ou melhor, também eram fortalezas onde residia o governador local e tal como os palácios reais, continham locais especiais de oração e adoração do deus; continham um templo.

Ainda assim, notaram que havia templos especiais onde as celebrações eram abertas a todos, tratava-se de uma edificação própria, de um templo propriamente dito e que era o que os acadianos, quase 3 milênios antes de Cristo chamavam de “*ziggurat*”.

Estudando esses fatos com o nosso conhecimento da ritualística cristã, podemos entender o uso de determinados instrumentos da ritualística antioquina cristã. Outro ponto a ponderar é a evolução dos templos pagãos, dependendo de sua arquitetura, na sua destinação de uso no cristianismo de Antioquia.

Observações:

¹ v. **Suryoye nr. 94** – in: **CULTURA ORIENTAL - A CIDADE-ESTADO E O ESTADO CENTRAL-** <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye94.pdf> (acesso em 13 de setembro de 2021)

² os muçulmanos também tinham essa prática no início do islão- as *qiblas* eram voltadas para a Mesopotâmia- v. **Suryoye nr.49** – in **RITUALÍSTICA II** - <http://sirian.igrejasiriansantamaria.org.br/relacao-dos-jornais-suryoye-2/> (acesso em 13 de setembro de 2021).

Referências:

1. Chatonnet, F.B. *Les églises en monde Syriaque* in *Études Syriaques vol 10*. Geuthner. Paris. 2013.
2. Müller, W e Vogel, G. *Atlas de arquitectura. 1. Generalidades: De Mesopotamia a Bizancio*. Alianza Editorial. Madrid. 1995.
3. Leick, Gwendolyn. *A Dictionary of Near Eastern Architecture*. Routledge. London. 2003
4. Kayaalp, E.K. *Analysis of Syrian Orthodox Architectural Heritage in the Tur Abdin for Conservation and Restoration* in: <http://www.turkishculture.org/architecture/churches-and-monasteries/analysis-of-syrian-991.htm> (acesso em 15 de setembro de 2021)

A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

A Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria precisa de teu auxílio para realizar seus objetivos sociais e espirituais.

Qualquer valor é contado perante Deus! Seja generoso!



Depósitos e Transferências em nome de:

**Igreja Sirian Ortodoxa
Santa Maria.**

Banco Santander

Agência: 2174

Conta corrente:

13000212-9

Ensinaamentos de Nossos Mestres

Então começaremos por estudar as particularidades de cada uma das partes do ser humano, então, avançaremos e descenderemos, em nosso discurso, em direção às coisas singulares e pessoais que se descobrirão nesta unidade pessoal do ser humano.

A alma possui duas energias a razão e a vida. A energia vital possui duas operações que se apresentam também como energia: a raiva e o desejo. O desejo está entre duas outras operações: a moderação e a lascívia. O mal do desejo é a lascívia e sua bondade é a moderação.

A raiva também está entre o medo e o heroísmo. A operação realizada com a energia da raiva é boa, contudo aquela que se enfraquece diante das paixões e teme a morte é má.

A energia racional possui outras energias que na operação se completam e vêm à revelação: conhecimento, raciocínio, inteligência e pensamento.

[Tradução livre do texto extraído de “*Tratado sobre o Ser Humano*” de Santo Ahodeme (sec. VI) em *Patrologia Orientalis – tomus tertius* - Paris / França.1909.]

EXISTIU JESUS?

(CONTINUAÇÃO DO NR. 108)

Vamos agora dar um salto de quase 100 anos após a morte de Jesus (ou, como nosso pesquisador queria, o século seguinte à morte de Jesus) a fim de verificarmos uma evidência sobre a existência de Cristo (nós chamamos de pesquisador mas ele era na verdade um inquisitante e queria continuidade de evidências). Foi por esta época que nasceu um autor que escreveu em grego. Seu nome era Luciano; nasceu na cidade de Samosata em 125 d.C. e por isso ficou conhecido como Luciano de Samosata.

Samosata era uma cidade “à beira do Rio Eufrates” (distava 700 m do Rio Eufrates), na Mesopotâmia, dentro da região conhecida hoje como Adiyaman na República da Turquia. A primeira ocupação sedentária é de 7.000 anos a.C. A cidade, entre 3.000 a.C. e 2.500 a.C. é citada como *Haha* que era fonte da mineração de ouro pelos sumérios. Por volta de 1.200 a.C. foi ocupada por povos vindos pelo mar, os *Hittitas* que a dominaram por 400 anos e após muitas guerras, por fim, Sargão II, rei da Assíria, em 708 a.C. toma a região toda definitivamente e a transforma em província assíria. No tempo do Império Persa essa região era a **Sa-trapia de Shamshat**. Em aramaico ela se chamava “*shameshad*” (leia: xamexádt e escreve-se em aramaico: ܫܡܫܬܐ) na verdade, uma corruptela da palavra “*shameshat*” (leia: **xamexát** e escreve-se em aramaico: ܫܡܫܬܐ) que significava “aquela que é do sol” ou “cidade que pertence ao deus sol”; lembramos ainda que o deus “*shamesh*” (leia: **xamex** escreve-se em aramaico: ܫܡܫܐ) era o deus da justiça para os assírios da

EXISTIU JESUS?

(CONTINUAÇÃO)

época e que “*Shameshad*” era colonizada pelos assírios. Só para complementar a história de *Shamshat*, muitos séculos depois, essa mesma cidade foi abandonada e refundaram na sua proximidade a cidade moderna de Samsat e aí, uma tragédia de ordem cultural foi cometida pelos governantes: as ruínas da antiga cidade foram submersas em 1990 por uma barragem construída pelo governo da República da Turquia. Vale a pena citar que, sem nos aprofundarmos em questões políticas, aparentemente essa decisão de se construir uma barragem foi política em dois sentidos: primeiro para apagar traços da civilização assíria na Turquia (observemos que a Turquia lutava desde 1919 para provar que Tur Abdin sempre fora habitada pelos turcos e não pelos assírios ou siríacos) e em segundo lugar, essa decisão fora apoiada pelos Estados Unidos contra solicitação da Síria já que por tratado internacional, um governo de um país não poderá construir uma barragem que bloqueie ou modifique o curso da água de um rio que depois passa por outro país e, nesse caso, o rio Eufrates nasce na Turquia e passa pela Síria, pelo Iraque e deságua no Golfo Pérsico.

Vemos então que esse Luciano nasceu na Mesopotâmia, criado lá e ainda jovem, transferiu-se para outros estados jônios (gregos), pois, foi à procura de uma formação essencialmente grega. Não se tem notícias de seus familiares, porém em vista do ocorrido, considera-se que seus pais eram de família romana e o idioma grego, era considerado na época, o idioma da intelectualidade já que a língua romana (o latim) não tinha qualquer projeção cultural e intelectual, desse modo, podemos dizer que ele saíra em procura do conhecimento intelectual da época..

Luciano sobressaiu-se no teatro e na retórica. Todos seus escritos foram em idioma grego. Esses escritos foram compilados em grego e depois traduzidos para diversos idiomas, entre eles: latim, inglês, alemão e outros. Em inglês foram traduzidos por Thomas Francklin em 1780 e ocupavam 4 volumes. O que nos interessa é o volume II onde existem 8 referências a cristãos de sua época.

De sua biografia ainda podemos deduzir que ele fora criado pelo tio que possuía um atelier de estátuas (era uma grande loja onde fabricavam e vendiam estátuas); no entanto, como fosse um péssimo artesão, nunca aprendeu o ofício e acabou fugindo e viajando para o ocidente. Residiu um pouco em Éfeso e Esmirna, que naquela época eram grandes centros de cultura helênica (grega) de onde partiu dando palestras e “ganhando a vida”. Retornou a Samosata donde convidou seus pais a saírem de lá e morarem em Atenas consigo, cidade na qual possuía uma bela mansão. Passou por Antioquia e depois foi para a Grécia, Itália e Gália (França). Parou na Gália onde exerceu a função de professor pago pelo governo romano. Em 180 d.C. ele não mais escreve e “some de cena”.

No correr de sua vida Luciano adotou diversas filosofias, entre elas a filosofia cristã e é através de seu conhecimento do cristianismo que escreve a peça “*A morte de Peregrinus*”. Nela, ele zomba dos cristãos em 7 (sete) passagens diferentes. “*A morte de Peregrinus*” trata da vida dum certo “Proteus” que acaba se auto-imolando na fogueira, queimando por completo na Pira Olímpica em 165 d.C. Esse “Proteus” é uma sátira a Cristo e tem por base os Evangelhos e os ensinamentos de São Paulo. Naquela época, os Evangelhos circulavam em traduções gregas como cadernos separados, chamados códices e também numa versão em aramaico porém todos sintetizados no que se conhece pelo nome grego “*Diatessaron*” de um certo pregador assírio chamado **Titian Aturoio** (ou Ticiano o assírio); talvez Luciano conhecesse o *Diatessaron* em siríaco e tivesse conhecimento das cartas de São Paulo, em grego.

Eis uma passagem de “*A Morte de Peregrinus*”:

“Foi então que ele soube do maravilhoso conhecimento dos **cristãos**, ao se associar a seus sacerdotes e escribas na Palestina. De que outra maneira poderia ser? – se num momento ele os fez parecerem crianças pois ele era o profeta, o líder do culto, chefe da sinagoga e tudo por si só. Ele interpretava e explicava alguns de seus livros e até compunha muitos e eles o veneravam como se fosse um deus, tinham-no como quem dava as leis e o tomavam por protetor, abaixo somente daquele que ainda adoravam, o homem que fora crucificado na Palestina porque ele introduzira esse novo culto no mundo.”.

EXISTIU JESUS?

(CONTINUAÇÃO)

Noutra passagem, Proteus é jogado na prisão e novamente Luciano mostra seu sarcasmo aos cristãos:

*“De fato, as multidões vinham até doutras cidades da Ásia, enviados pelos **cristãos**, a suas próprias expensas para socorrer e defender e encorajar o herói.....Os pobres coitados estavam convencidos que seriam imortais e viveriam para sempre pelo que eles desprezavam a morte.....Além disso, seu legislador os havia convencido de que todos eram irmãos entre si após terem transgredido para sempre pois haviam negado os deuses gregos e adorado o sofista crucificado e vivido sob sua lei.”*

Não vamos reproduzir toda a peça, contudo, podemos deduzir dela que havia muitos cristãos vivendo nas cidades, aldeias, vilarejos e províncias do Império Romano, principalmente onde hoje é a Ásia Menor e onde a cultura helênica (grega) era a base da vida dos cidadãos. Quando nos referimos a cristãos queremos dizer que são pessoas que aderiram à forma de vida, à filosofia de Cristo e se Luciano de Samosata, em seu tempo, no 2º século do cristianismo, escreveu uma peça parodiando a forma de vida dos cristãos, é claro que essa filosofia já havia se estabelecido, pelo menos, em parte do Império Romano e chegara até sua capital. Além disso, se ele fala que Cristo fora crucificado numa terra tão pequena chamada Palestina é porque já se espalhara o conhecimento de Jesus pelo Império Romano o suficiente para que, quem assistisse a peça; já tivesse, naquele tempo, noção quanto a localização da Palestina e de Jesus [observemos que a Palestina no tempo de Luciano de Samosata não passava de 0,1% do tamanho do Império Romano].

observação.:

(*) Os cristãos do oriente, os que conhecem e rezam na língua de Cristo, no idioma siríaco (aramaico) possuem um cântico a respeito da zombaria dos que não crêem que Jesus realmente existiu. Eis a parte poética do cântico:

*Se a Ressurreição não existe
Que vantagem tiveram os mártires?
E se um outro mundo não há
Para que os justos se esforçaram?
E se a ressurreição não é verdade
Então nem Cristo se levantou dentre os mortos!
Ó vós que faleceste, aguardai pelo Filho
Pois é verdadeira a Esperança
Que havia em sua promessa
E que disse em sua pregação:
“Quando ouvirem os mortos
A voz do Deus Vivo
Arrebrantarão os túmulos e sairão
E acorrerão a Seu encontro”
Quando vier!*

[o original em aramaico está reproduzido na secção de aramaico]

A tradução ao inglês da peça “A Morte de Peregrinus” pode ser lida em:

<https://www.tertullian.org/rpearse/lucian/peregrinus.htm> (acesso em 12 de agosto de 2021)

(continua no próximo número)

Significado de Nome

Sara, nome de mulher. Esse nome é muito comum no Ocidente e também no Oriente, porém, mais comum entre os cristãos, sejam eles de Oriente ou Ocidente.

Sara é um nome mencionado no Antigo Testamento, em diversos capítulos do livro de Gênesis. Foi a esposa de Abraão, do qual, segundo o relato bíblico descendem Isaque e Ismael. Isaque foi avô de Judá enquanto que Ismael foi o patriarca das tribos árabes. **Sara** foi mãe de Isaque enquanto que a escrava egípcia dela, **Hagar** foi a mãe de Ismael. Segundo os hebraístas, a palavra “sara” é o feminino de “sar” em idioma cananeu e significa *princesa*. Por outro lado, sabemos que “sar” é uma palavra semita que significa “rei” ou “chefe de estado” e entra na composição de diversos nomes de reis assírios conhecidos, desde o tempo dos acadianos (assírios antigos vindos do norte da Mesopotâmia) por exemplo **Sargão** (= sar+kin).

É interessante notar que tanto os israelitas quanto os judeus nunca foram conhecidos pelo nome de Abraão ou Isaque, contudo, as tribos árabes, antes do islão, eram conhecidos na história como *sarracenos* e *ismaelitas* (em aramaico, o singular é: “sarqoio” e “ixmaíloio” que significam, respectivamente: “quem nada possui” e “quem Deus ouviu”).

Leitura recomendada: **Livro da Gênesis – capítulos 16 até 23**

Palavras da Bíblia

Ao se aproximar da entrada duma aldeia, vieram-lhe ao encontro dez leprosos, que pararam ao longe e elevaram sua voz, clamando: Jesus, Nosso Mestre, tem compaixão de nós!

Jesus viu-os e disse-lhes: **Ides, mostrai-vos aos sacerdotes.**

E quando eles iam andando, ficaram limpos.

Um deles, vendo-se limpo, voltou, glorificando a Deus em alta voz. Prostrou-se aos pés de Jesus e lhe agradeceu. E este era samaritano.

Respondeu Jesus dizendo: **Não eram dez os que foram limpos? Onde estão os nove?**

Não se separaram todos para voltar e dar glória a Deus senão este que é de povo estrangeiro?

E disse-lhe: **Levanta-te e vai, tua fé te salvou.**

Evangelho de São Lucas - capítulo 17º

RITUALÍSTICA II - FESTIVIDADE DA TRANSFIGURAÇÃO

No mês de agosto passado, tivemos duas festividades na Igreja que nos chamaram a atenção; trata-se da festividade da Transfiguração de Cristo e a Assunção de N.Sra. Santa Maria, Virgem Mãe de Deus.

Vamos nos concentrar sobre a festividade da Transfiguração. Esta festividade representa o tempo quando Jesus Cristo levou consigo três de seus discípulos, Pedro, Tiago e João, filhos de Zebedeu, a um monte. Enquanto aguardavam por Jesus, viram dois profetas de dois tempos distintos, Moisés e Elias, que se colocavam cada um de um lado de Jesus, e com Ele conversavam. Jesus aparecia como emitindo luz por todo seu corpo. Pedro então disse a Jesus “*Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, faremos aqui três tabernáculos, um para Ti, um para Moisés, e um para Elias*”. Enquanto ainda falava, eis que uma nuvem brilhante fez-lhes sombra e os discípulos ouviram uma voz vinda da nuvem clamando “**Este é meu Filho amado que me compraz, ouvi-O**”; então caíram em reverência com medo. Deles se aproximou Jesus e lhes disse: “**Levantai-vos, não temais**” ao que se ergueram e olharam em torno e nada viram além de Jesus. Enquanto desciam do monte, Jesus lhes comandava que nada dissessem a qualquer um até a Sua Ressurreição. Isso é relatado no Evangelho de S. Mateus no capítulo 17 e também citado na 2ª Carta de S. Pedro no capítulo 1º. Este é o relato bíblico, intensamente interpretado por prelados da Igreja, no qual Jesus é confirmado como Deus-Filho e se manifesta como sendo Rei no Reino de Deus pois Moisés e Elias já não mais estavam na Terra mas no Reino de Deus.

Façamos agora uma análise do texto.

O que está aí é uma síntese feita com base em tradução livre do texto em aramaico da versão PexiIta do Evangelho de S. Mateus, não é uma cópia de tradução ao idioma português de algum códice grego ou latino. Colocamos isso pois as palavras utilizadas são importantes para o entendimento, visto que a PexiIta é a Bíblia em idioma aramaico (síriaco) e que este era o idioma utilizado por Jesus Cristo quando viveu na Terra e também por seus discípulos e apóstolos, em especial, Mateus que escrevera o evangelho utilizando este idioma.

As palavras às quais nos referimos são: “tabernáculos” e “sombra”.

As palavras “tabernáculo” e “taverna” possuem a mesma origem; trata-se de algum lugar coberto, sendo o tabernáculo um lugar coberto onde se faziam as oferendas, os sacrifícios a Deus. Já a “taverna” era um lugar onde se poderia festejar, beber, comer e até dançar. Observamos também que a pessoa que se encontra no tabernáculo está na sombra. Voltemos então ao texto e reparemos “...Enquanto ainda falava, eis que uma nuvem brilhante fez-lhes sombra e os discípulos...”. Como se chama o tabernáculo em síriaco (= aramaico)? “meTalêto” (ܡܗܬܠܝܬܘܢ); e o verbo “fazer sombra”? “aTel” (ܐܬܠܝܢ); assim, a festividade da Transfiguração de Cristo, na Igreja de Antioquia se diz: “ido damTale” (ܝܕܘܡܬܐܠܝܢ) ou seja: “festividade onde existe sombra” ou “festividade dos tabernáculos” ou ainda “festividade das tendas” pois os tabernáculos, na antiguidade eram lugares ao campo com altares móveis cobertos por tendas onde se ofereciam as primícias das colheitas [observa que o vocábulo “meTalêto” (ܡܗܬܠܝܬܘܢ) em aramaico, também significa “tenda”].

Antes de passarmos adiante, vamos deixar observado que no texto bíblico (Mateus cap. 17 vers. 5) uma nuvem brilhante **faz sombra** sobre os discípulos e Jesus Cristo; ou seja, para nós cristãos, sabedores que Cristo foi sacrificado por nós, já é uma indicação de que tudo isso, tudo que compunha essa cena, era um “meTalo” (ܡܗܬܠܘܢ) e que lá já era um “tabernáculo”.

A expressão “ído damTale” (ܝܕܘܡܬܐܠܝܢ) nos leva a outra festividade bíblica, desta vez, do Antigo Testamento. No Livro dos Levitas, capítulo 23, a partir do versículo 39 até o versículo 43 e depois até o final do capítulo, há uma descrição prolongada e com justificativa dos sacerdotes dos israelitas o por quê dessa festividade que, em hebraico, chama-se *hag sukot* (= festividade das tendas). Quando lemos o Livro dos Levitas, no final de seu capítulo 23, vemos que a origem da festividade nada mais foi do que a transforma-

RITUALÍSTICA II - FESTIVIDADE DA TRANSFIGURAÇÃO

(CONTINUAÇÃO)

ção dos israelitas em agricultores; passaram do estágio de nômades (beduínos andarilhos no deserto) ao estágio sedentário de agricultores e por isso deveriam oferecer os sacrifícios em tendas; agora as oferendas não mais seriam de animais mas deveriam ser as primícias de 4 plantas simbolizadas por seus frutos. As plantas escolhidas por Deus eram tamareira, (laranjeira ou) cidreira, murta e salgueiro. Há séculos, nesse ritual, os judeus transformaram os frutos em ramos, durante a cerimônia e por isso, tradicionalmente são usados os ramos dessas “plantas”. Como se vê, trata-se dum ritual tipicamente agrícola.

Ocorre que no deserto do Sinai não havia qualquer uma dessas plantas, assim, concluímos que os israelitas copiaram essa cerimônia, a “festividade das tendas” (ou “festividade dos tabernáculos”) quando já estavam na Terra de Canaã, dos povos que os cercavam.

Esses povos deveriam ter um calendário sazonal, com base no ciclo agrícola. Um povo interessante foi o dos habitantes da cidade-estado bíblica de Gezer. Ainda que tenha desaparecido sob o fogo, o que de suas ruínas restou aparece num monte que em árabe se chamava *Tel-el-Jazzari* (ou em árabe clássico: *tal gazarí*). Ficava no caminho entre o Egito e as montanhas onde se localiza Jerusalém (cerca de 35 km a oeste). No Antigo Testamento da Bíblia, sua história é simplificada: foi conquistada e queimada pelo Faraó que depois deu suas terras como dote de casamento de sua filha com o rei Salomão (filho de Davi).

Em Gezer, totalmente habitada por cananeus, foi descoberto, em 1908, pelo arqueólogo irlandês Robert McAllister um calendário inscrito em uma tábua de argila, em idioma fenício (cananeu alfabético), medindo aproximadamente 11 cm x 7 cm, com os trabalhos mensais relativos à agricultura. Assim, há trabalho de arar e semear, há trabalho de cuidar das plantações (trigo, cevada etc) e também de ceifa e colheita. Como não existe qualquer indicação adicional, os arqueólogos pensam que se tratava de um calendário que lembraria o agricultor de suas obrigações.

Um outro campo de interesse é a parte de ritualística de Ugarit. Somente como recordação, Ugarit era a cidade-estado dos cananeus que ficava bem no oeste da atual Síria, próximo de onde hoje é Lataquia.

Ugarit foi descoberta acidentalmente em 1928, pelo arqueólogo Claude Schaeffer. Era habitada desde 6.000 anos a.C. Por volta de 1.180 a.C. foi abandonada. Suas ruínas são conhecidas na Síria como *Ras-e-Shamra*.

O que havia de interessante para nós, nesta pesquisa sobre a Festividade das Tendas (ou Tabernáculos) é que nos textos ritualísticos de Ugarit, são descritos altares móveis que eram colocados sobre os tetos dos templos ou dos palácios e esses altares eram protegidos por tendas! Além disso, os festivais demoravam um ciclo de 7 dias! Observemos que essa é exatamente a situação física dos “*hag sukot*” dos israelitas no Livro dos Levitas aos quais Moisés, no deserto do Sinai (onde não havia plantas e nem há água) recomendou a “festividade das tendas” com frutos que não existiam lá e, além disso, nos estudos de história, os israelitas somente aparecem no cenário histórico quando Ugarit já não mais existia!

É digno de nota observar que tanto a festividade bíblica do Antigo Testamento quanto a ugarítica trata de uma festividade da colheita com um ritual que incorporava o uso de vegetais e altares móveis cobertos. Na concepção desses povos, tanto o israelita quanto o cananeu, representado pelo ugarítico, acreditavam que seu deus iria habitar ali por um período de 7 dias. Ao analisarmos com cuidado os seus textos religiosos, veremos que o mais importante é que nenhum deles guarda qualquer semelhança com o festival de ano novo mesopotâmico - *akitu* - (fosse esse festival realizado pelo povo acadiano/assírio ou babilônico/caldeu) pois neste havia um ritual no qual se destronava o rei e o entronava de volta enquanto que naqueles dois não havia tal cerimônia.

Estudando o “*ido damTale*” (حَلْوُ وِمْتَلَل) da Igreja de Antioquia, vemos que este é diferente do “*hag sukot*” do Antigo Testamento já que o da Igreja de Antioquia se aproxima por completo do mesopotâmico pois os três discípulos, Pedro, João e Tiago, percebem que Jesus é o **Rei da Eternidade** visto que é com **Ele** que falam Moisés e Elias (que estão na Eternidade); os discípulos querem então, de imediato, entroná-**Lo** como no festival israelita (*hag sukot*) porém **Jesus**, mostra-lhes que **Ele** precisaria ser destronado para novamente ser entronado.

RITUALÍSTICA II - FESTIVIDADE DA TRANSFIGURAÇÃO**(CONTINUAÇÃO)****Referências:**

1. Pardee, Dennis. *Ritual and Cult at Ugarit*. Society of Biblical Literature. Atlanta. USA. 2002 .
2. Gezer - *A Canaanite City and Royal Solomonic City* in:
<https://www.mfa.gov.il/mfa/israelexperience/history/pages/gezer%20-%20a%20canaanite%20city%20and%20royal%20solomonic%20city.aspx> (acesso em 16 de agosto de 2021)
3. *Old Testament in Syriac*. Trinitarian Bible Society. London. 1913.
4. *Syriac New Testament*. British and Foreign Bible Society. London. 1905

NOTÍCIAS DO BISPADO

Agora que a epidemia causada pelo vírus “Coronavirus” dá mostras que está cedendo no Brasil, S. Emca., arcebispo “mor” Severios Malke vai retomando aos poucos seu dever de visitar as diversas comunidades Sirian Ortodoxas no Brasil. Assim aconteceu logo no início de setembro, dia 3, quando S. Emca. embarcou por via aérea para Campo Grande, capital de MS onde temos uma catedral; a catedral de S. Jorge cujo pároco é o cura-episcopo Antonio Nakoud. Lá, auxiliado pelo cura-episcopo Antonio e diáconos locais, S. Emca. oficiou a Missa Solene, no domingo, 5 de setembro, durante a qual foi lembrada a Natividade de N.Sra. Santa Maria, a Virgem Mãe de Deus.

Após a Missa Solene, S. Emca. foi recebido pela comunidade de Campo Grande, no salão de recepções da Igreja.

Nos dias seguintes, ainda cumprindo uma agenda pré-estabelecida, S. Emca. visitou diversas famílias sirian-ortodoxas residentes na cidade; entre essas, a família do cura-episcopo Antonio Nakoud que recebeu S. Emca. para almoço. Depois, foi discutido o futuro da comunidade de Campo Grande e de outras comunidades sirianis em MS e MT que ainda não contam com uma edificação onde possam celebrar as orações e outras funções eclesiais.

Em 10 de setembro, sexta-feira, após um viagem de uma semana entre nossos irmãos de Campo Grande, S. Emca. Mor Severios Malke retornou a São Paulo.

Cabe ressaltar que além de exercer a função de sacerdote da paróquia onde reside, em termos comunitários, o arcebispo tem por dever visitar as igrejas de sua arquidiocese, periodicamente, para nelas celebrar a missa e ministrar alguns seminários espirituais para o povo, nos quais ele responderá às suas perguntas e assim os tranquilizará em relação à fé e à administração eclesial. É dever dele, também, visitar os enfermos e apresentar condolências às famílias dos falecidos além de visitar as casas dos fiéis para rezar em suas casas, isso tudo com o apoio do pároco local, ou sozinho, se não houver pároco local ou se ainda não houver uma igreja edificada.

A seguir incluímos fotos da visita de S. Emca. a Campo Grande que ocorreu entre 4 e 10 de setembro.



Homilia de S. Emca., durante a Missa Solene com tradução simultânea de Cura-episcopo Antonio Nakoud



S. Emca e Cura-episcopo Nakoud com diáconos após a Missa Solene



Vista interna da Catedral S. Jorge em Campo Grande durante a homilia de S. Emca.em 5 de setembro.



Recepção no Salão da Catedral, após a Missa Solene.

O “SITE” DA IGREJA

(www.igrejasiriansantamaria.org.br)

Como muitos fiéis sabem, temos um endereço na internet (www.igrejasiriansantamaria.org.br) desde 2010 e que anteriormente (desde 2000) era outro endereço (www.sirianort-santamaria.org.br) , o qual, já em 2010 o transformamos em “alias”. O “alias” é um endereço que ao ser digitado, conduz ao endereço principal.

Nosso provedor de internet sempre nos informava a respeito de visitas e acessos no site porém, a partir de 2018 passamos a monitorar com maior consistência os acessos e vistas.

Para se ter uma idéia do que ocorre, informamos o que ocorreu com nosso “site” no mes de agosto de 2021:

- média de consultas por dia: 452 (conforme nosso provedor, esse é um número alto para sites culturais não fanáticos, independentes);

- países que mais visitaram o site:

- 1) Brasil - 23%
- 2) Turquia - 7,3%
- 3) Portugal - 1%

Claro que há diversos outros países; por exemplo, Índia, Alemanha, Holanda, Federação Russa, Estados Unidos, Guatemala, Moçambique etc. porém, menos expressivos. Queremos também alertar que nunca (desde que existe o “site” no ano de 2000 em diante) enviamos comunicados a quaisquer pessoas ou organizações do exterior convidando-as a visitarem o “site” pois ele foi feito para o Brasil. Assim também, nunca houve algum tipo de convite a pessoas ou organizações brasileiras para que conhecessem o “site”.

Outro dado que conseguimos das estatísticas é que as páginas mais visitadas são:

- 1) Dicionário Português-Aramaico - 30%
- 2) Partituras Musicais - 9,8%
- 3) Jornal **Suryoye** - 5,1%
- 4) Curso de aramaico - 2,9%

Como se vê, as pessoas que vistam nosso “site” se interessam por detalhes culturais de nossa comunidade como língua, música e outros aspectos abordados em **Suryoye**.

FESTIVIDADES DO 6º BIMESTRE DE 2021

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente. Quem nos acompanha desde o início do cristianismo é a Igreja Copta Ortodoxa de Alexandria. Em nosso Calendário, temos diversas comemorações, em especial os seguintes eventos que se destacam:

Novembro		Dezembro	
Dia	Comemoração	Dia	Comemoração
07	Renovação da Igreja Patriarca S. Miguel Magno	4	Stas. Bárbara e Juliana - dia da Criança no Oriente.
14	Anunciação de Zacarias Sto. Inácio (3º Patriarca de Antioquia)	5	Natividade de S. João Batista S. Zoke (S. Nicolau)
21	Anunciação de N.Sra. Virgem Maria S. Clemente	12	Revelação de S. José
28	Visitação de Sta. Maria a Sta. Elizabete (sua prima) S. Dionísio Bar Salibi	15	Início do Jejum de Natal (10 dias)
		19	Domingo do Advento
		25	Natal .
		26	Glorificação de N.Sra. Virgem Maria
		27	Martírio dos Inocentes de Belém

Obs.: As festividades marcadas em **negrito** fazem parte do Ciclo Natalino deste ano, que inicia no último domingo de outubro e foi dedicado à Sagração da Igreja.

تِلْكَ مِنْ رَبِّكَ كِتَابٌ

أَيُّ مَنَّا يُؤْتَىٰ آيَاتٍ. الْوَجْهَ: هُوَ مَسْ: الْبَقَرِ حَبٌ مَّ وَوَجْهٌ. لَا حَيْثُ: هُوَ
 وَهَبٌ الْوَجْهَ: وَدٌ وَمَحْكٌ حَلَا أَقْبَرُ تَعْمَلُ. هَلْ هُنَّ فَهْمٌ تَب. هَجَبٌ أَس. هُوَ
 حَبٌ قَلْبٌ جَبٌ حَجَهٌ هُمَلُ. هَحْسَهْ أَس وَحَب. مَهْلَا وَبَامَنُ مَعْجَبٌ حَك. مَنَّا
 الْهَ سَحَابًا: لَا تَجِبُ حَصَهْ هَلَا وَمَكَرُنَّا. أَلَا وَسَكٌ مَّ مَبْرُ أَس. هَحْسَهْ وَ
 تَجِبُ. مَهْلَا وَوَجْهًا مَكَلَس: حَمَلًا هَا كَرَجٌ حَمَع: هَمَسًا تَعْمَلُ هَا رُجُلًا
 حَمَلًا هَمَسٌ هُوَ سَبٌ حَبٌ أَس مَخْتًا قَبْرًا وَلَا مَدَاهُ مَسْ ❖

مَهْلَا هُنَّ هُوَ جَبٌ أَمَّنْ مَنَّا. نِي لَاهُج. أَهَب. هَمْمٌ مَدٌ لَمَم. هَا لَقَمٌ تَعْمَلُ مَّ
 أَحْبَلًا. أَس فَهْمٌ لَمَهْ أَمَّنْ مَنَّا. هَتَابِعُ هَس حَلْبُ: هَا لَا لِبَابًا حَلَاهُ. ه
 تَبِجَلْبُ حَمَلًا هَا: أَس هَا حَعْبَلُ وَتَعْمَلُ. هَتَابِعُ حَمْبٌ هَا تَرَجِبُ. مَهْلَا
 وَحَمْبٌ أَس. حَمَجٌ مَب. هَحْمَجٌ رَجِبُ. أَمَّنْ مَنَّا. هَأَقْرِبُ مَّ أَس وَجَبَلُ. هَأَقْرِبُ مَّ
 أَس وَحَمْتًا ❖

مع معنی: ہاؤنسا کسا - معانی: ہاؤنسا

تِلْكَ مِنْ رَبِّكَ كِتَابٌ

هَجِبٌ مَنَّبٌ حَمَكَلَا حَمَنَّا سَبَا أَوْحَاهُ حَمَلًا أُنْعَمُ عَزَّكَ هَمَمَه مَّ وَهَسْمَلُ.
 هَأَوْمَه مَكَهْ هَامَنٌ وَتَبٌ تَعْمَلُ الْوَجْهَ حَكَب. هَجِبٌ سَرَا أَسْ أَمَّنْ حَاهُ رُكَه
 تَهْ تَجَعْبُ حَجَهْتَا هَجِبٌ أُرْجَبُ أَلَاؤَسَه. تَبٌ وَجٌ مَدَاهُ قَبٌ سَرَا وَبَاؤُفٌ هَجِبٌ كَه
 هَجَمَلًا زُمَلٌ مَعْجَسٌ هُوَ لَلْحُ. هَبَلَا حَلَا أَقَهْ مَبْرُ وَبَكَهْ وَتَعْمَلُ قَبٌ
 مَهْوَلٌ كَه هَاهُ هُنَّ مَعْمَلُ هَا. حَلَا وَجٌ تَعْمَلُ هَامَنٌ لَّا هُوَ حَمَلًا هَاهُ هَكَب
 وَبَاؤُفٌ أَسْ أَسْ لَعْمَلُ. حَمَلًا فَتَعْمَلُ وَبَلَاهُ تَلَاكُ نَعْمَةً سَلَا لَلْحُ أَلَا هُنَّ وَجِبُ
 حَمَلًا هَاهُ تَعْمَلُ. هَامَنٌ كَه تَعْمَلُ أَلَا هَمَلُهُ لِبُ أَسَلْبُ ❖

مع معنی: ہاؤنسا کسا - معانی: ہاؤنسا

کے سے گھریے بہ گھرتے

ہَکْرَیے مَحَّ حَمُّجَا سَسْبَا وَجَلَا سَبَا سَبَا مَحَّ مَحْتَقُجَا وَکَہ وَجَبُئَا مَحْتَقُئَا
حَمْمَہ م: ہُوہُہ مَدَاؤُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا
ہَمَمَہ مَحْتَقُئَا. وَکَہ حَمُّہُؤَا سَبُہَا مَحْتَقُئَا وَکَہ وَجَبُئَا مَدَاؤُئَا مَحْتَقُئَا

بُجُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا
مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا
مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا
مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا
مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا

ہُوہُہ وَجَبُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا
مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا مَحْتَقُئَا

[الہدیٰ مع حکایتیہ الحدیثیہ العربیہ بحسب کتب اسہ وادہ (وزا واد
(م) - وحطاط فیہ الحدیثیہ العربیہ - الحدیثیہ العربیہ - الحدیثیہ العربیہ
وہدیہ تہ. حدیثیہ قہیہ وکامہیلہ وچہیلہ. حدیثیہ العربیہ م *]

SECÇÃO DE TRADUÇÃO

[TRANSLATION SECTION]

[This text is a re-compilation from the text that appeared in the edition of Suryoye number 106, in April of 2021 under the same name in Cultura Oriental (=Eastern Culture)].

MAMUL or MERISU?

Those who came from the East or are descendants of Eastern Levantines, have already heard of or did even try a delicious “Arabic” candy known in Arabic language as “mamul”. This “Arabic” candy, the mamul is already well known in the West, especially where there are communities that came from the East (of course, in Brazil too).

A candy? An “Arabic” candy? In other editions of our **Suryoye** report we have emphasized the problem of denomination.

In bygone times, everyone that came from the Ottoman Empire was Turkish, even if he was not ethnically from Turkmenistan*, thus, those who came from Syria, Lebanon, etc. were always “Turks” (a famous Brazilian writer, Jorge Amado, “made such a sin” by calling a Lebanese character, Nassib , as “Turkish” in his novel: “Gabriela, Clove and Cinnamon”). After World War II, in Brazil (perhaps in the entire European and American Continent), “Turkish” was only the one who came from Turkey and then the Brazilian people (and also the people from Europe and the American continent) realized that there were almost no “Turkish immigrants”, or there were so few ones that no one was sure about

TRANSLATION SECTION (CONTINUATION)

who really was Turkish or not. Of course there were, people of other ethnicities, from the East, who were not Turkish people and who communicated in the Arabic Language and so, native people started to call everyone "Arab", again making a basic mistake, forgetting that "Arab" is the one that comes from the Arabian Peninsula: - Saudi Arabia, Kuwait, Oman, Abu Dábi etc-, in fact, a place which in its entirety was almost all deserts with very few oases. Those who came from Lebanon, Syria, Iraq, Israel (Palestine) could not be Arabs, they were not Bedouins, they were not wanderers in the deserts, like the Arabs. Still worse, we have the case of people from North Africa such as: Egypt, Libya, Tunisia, Algeria, Morocco and Sudan, all are called Arabs; and they came from Africa and the Arabian Peninsula is not even in Africa, it is located in Asia!

This is all said preliminarily to what we wrote beneath so the reader can start thinking. "How can there be an Arabian sweet food, if in the desert there are no flowers for bees to produce honey?" (In the past, everything was sweetened with honey since sugar is a product industrialized in the 16th century obtained from sugar - cane from India). How could there be an "Arab candy" if you don't plant and harvest wheat or barley in the desert? (Arabian Peninsula is a desert, remember!).

Let us then analyze the "mamul" which is said to be an "Arabic candy".

Having in mind just these final remarks, we begin to suspect that we are not dealing with something produced by the Bedouins, that is, by the authentic Arabs themselves, since it needs three basic and important products: flour, honey and water, which are only produced by the sedentary human being, and not by Bedouins (the desert wanderers), and products of which one of them does not exist in the desert while the other two are very rare (if they exist at all).

Actually, "mamul" is an Arabic word that means "made", "operated". Except for that which is wild, everything else is produced, i.e. "made" by the human being, thus, soup, kibbeh, sfiha, falafel etc., everything, linguistically, can be "mamul". So what does this name refer to?

We did intentionally quote these foods (kibbeh, sfiha, falafel) as we have already described them in the Oriental Culture section in other editions of Suryoye and we have seen how they are not Arab productions but products of sedentary people who inhabited the countries known today as "Arab Countries" and which existed, both people and countries as well as such foods, thousands of years before the Islamic religious invasions, also known as the Arab invasions in those countries.

We also saw that all these foods from the Levantine cuisine, from the Oriental cuisine, have their names derived from the process of their production; thus, *kibbeh* has this name because it is made in the palm of the hand; also, *sfiha* has this name because of its process of planing the dough before "turning" into a *sfiha* and so we can go on mentioning all the dishes we have already described. If this is the theme, or rather, if this is the "beat of the theme", there's nothing better than checking how this sweetie is produced and then getting to verify its origin.

What is the sweetie called "mamul"?

This candy is a dough divided into acorns into which a bit of an almond called pistachio is inserted, then closed and baked in the oven. After roasting, sugar or honey syrup is poured over each acorn; but sometimes, instead of pouring honey on the acorns these are soaked in the honey.

In the process of researching the origin of this recipe, we came across an archeology publication that provided an identical historical recipe. In fact, we took a historical recipe, tested by the well-known "magazine": *Biblical Archeological Review* (BAR). This "Review" called a history professor, Adam Maskevich, who used an ancient recipe to test it. Of course, the option fell to this history professor because he is also a cook. Here's the recipe:

- 230 grams of seedless, dry, finely chopped dates
- 30 grams of peeled pistachios, finely chopped
- 3 tea cups (approximately: 350 grams) of barley flour (Maskevich tested with wheat flour as it is a more commonly found product than barley flour)
- 120 grams of chilled butter cut into small cubes
- ½ glass of water
- 5 tablespoons of milk.

Maskevich placed the dates in a small pot added the water and then put it over medium heat and kept stirring constantly until it formed a thick paste (according to Maskevich, 5 to 8 minutes on the fire are enough to form the paste).

Then he mixed the pistachios and set everything aside until it cooled.

He mixed the flour and butter until it formed a rough crust. He added milk slowly until all the dough was stuck together.

TRANSLATION SECTION (CONTINUATION)

He covered this dough and refrigerated it (he put it in the fridge for 30 minutes, he used the fridge in order to accelerate the process).

Then he broke the dough into pieces of approximately 2 inches and rolled each piece with both hands until each piece became a flexible piece. He shaped them into balls. He punched a hole in the middle of each ball with his thumb while “pinching” the sides with his thumb and index finger (to enlarge the hole in the middle).

Then he took some of the date paste that was already cold and filled up to $\frac{3}{4}$ of the open ball. He closed the mouth of the filled dough, and rolled it into a ball. He repeated this with all the pieces of dough, placing the balls that were formed on a baking dish (today it may be more practical to use ceramic dishes that do not let the dough stick); then he placed it in a preheated oven at 160°C for 25 minutes. The recipe called for soaking in honey, but Maskevich (according to his own statement) preferred to sprinkle honey over the balls after they had cooled a little.

Now the original. As it is an old recipe, there was no such wealth of details that Maskevich provides us with; he used his cooking experience. In fact, the historical recipe is a legacy from the cook of a certain **Zimri Limm**, a king of **Mari** in 1,776 BC, that is, almost 3,800 years ago or even 2,500 years before the Arabs appeared on stage in the east.

What remains of **Mari** today are the ruins of the city, in Syria, called Tell Hariri, located on the banks of the Euphrates River, therefore, in the region known as **Mesopotamia**.

Now, let's get to the names.

In Akkadian language, which was the ancient Assyrian language and which dominated the whole of the East, from Egypt to India, and which was the language of **Mari**, this delicacy was called “**mersu**”. Now, looking at the Akkadian (Assyrian) language dictionary, we will see in the entry: **mersu**, **mirsu** that it is a small cake, a sweet cake. Additionally the dictionary tells us that this entry comes from “**marasu**” which means: “to mix, make dough, make a paste (or “mashed”). Let it be remarked that this is exactly the basic process: making a dough, a paste.

Shall we find something in Aramaic (Syriac) that brings us from that time to our days?

In the **Syriac** dictionary we have the entry: **mras** / **nemrus** which means to **crush** (**press** as in a puree), also to **soak** and for the latter case, the example is given in the passive conjugation: **etmaras behamro** = was soaked in wine. The dough (or “that which is mashed”) is known as: **meriso**; i.e. what is crumpled. Moving forward, part of the villagers of Tur Abidin, that is, the farmers in the mountains of Northwestern Mesopotamia who managed to escape from “Saifo” (it was the Genocide perpetrated by the Kurds and Ottoman-Turks between 1915 and 1918) and who fled to the Holy Land, called all kinds of mashed food (known in International Cuisine as “purée” or “pate”) by **mristo**, which is the feminine grammatical form of **mriso**.

It is also interesting to remark that other terms and names which come from Akkadian language and that are present in the language of farmers in the Mesopotamian region and its Western surroundings (Syria, Lebanon) found their way through Europe as imported products, for example: **pistachios** (in Portuguese) or **pistaccio** (in Italian) derived from **pesteq** (Aramaic / Syriac); **tamara** (as the date is called in Portuguese) is derived from **tamar** (Aramaic/Syriac).

We then see that this process comes from Mesopotamia and both the ancient Assyrian language and its continuation, the Syriac (Aramaic) language inform us that the name by which this delicacy was known: “**mersu**”, allows us to say that such a delicacy, this “candy” did not originate in the Arabian desert, it is not Arabic; simply because the Bedouins (Arab wanderers) got to know it wherever they roamed and gave it a name that remembered that it did not exist in nature, it was made by human beings.

Remark:

*Turkmenistan is not Turkey, it is a region in Central Asia from where the Turkish people come from.

The place where the Republic of Turkey currently exists, until the year 1,453 after Christ was the Eastern Roman Empire also known as the Byzantine Empire. In that year of 1,453 the Turkish people invaded the capital of the Byzantine Empire and settled there, forming what would be known as the Ottoman Empire. The language of the Turks is not Semitic (like Akkadian or Phoenician or Syriac), it is Altaic (a type similar to Mongolian).

Bibliography

- 1) **BAR - Test Kitchen: Mersu. Ancient Syrian date pastries.** Megan Sauter, August 15, 2018.
- 2) **Black, J & George, A. – A Concise Dictionary of Akkadian..** Harrassowitz Verlag. Wiesbaden. 2000.
- 3) **Payne-Smith, J. – A Compendious Syriac Dictionary.** Clarendon Press. Oxford. 1902.
- 4) **CAL - Comprehensive Aramaic Lexicon.** Hebrew Union College. Cincinnati. USA. 2014.